

ACTA NÚMERO 143

✓
-
A

Ao vigésimo segundo dia de dezembro de dois mil e vinte e três, pelas dezoito horas, na sede da Federação Portuguesa de Rugby, sita na Rua Julieta Ferrão, 12 – 3.º Andar, reuniu a Assembleia Geral Ordinária da Federação Portuguesa de Rugby (FPR), convocada nos termos do disposto no Artigo 20.º / 1.º dos respectivos Estatutos da Federação Portuguesa de Rugby, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 – *Apreciação e votação do Plano de Atividades e Orçamento de 2024;*

2 – *Diversos*

A Mesa da Assembleia foi constituída pelo respetivo Presidente, Tito Arantes Fontes, e pelo Vice-Presidente, Rui Jorge Rego.

À hora marcada para a primeira convocatória o Presidente constatou que não se encontrava reunido o quórum necessário para deliberar previsto no Artigo 20.º / 4.º dos Estatutos, pelo que se decidiu aguardar pela hora marcada para a segunda convocatória (dezoito horas e trinta minutos).

Às dezoito horas e trinta minutos encontravam-se presentes 12 delegados a participar digitalmente conforme lista de presenças anexa à presente acta e que dela faz parte integrante.

Encontravam-se também presentes – para além do Presidente da Direção da FPR - os Srs. Mário Costa, Secretário Geral da FPR e Nuno Salvador, Diretor de Competições da FPR, admitidos a participar pelos delegados presentes, nos termos do Artigo 20.º / 10.º dos Estatutos da FPR.

Verificada a presença dos referidos delegados e a suficiência dos mesmos para abrir os trabalhos nos termos estatutários, o Presidente da Mesa colocou à votação dos delegados a autorização para a gravação da presente Assembleia Geral, de forma a facilitar a elaboração da acta, que foi aprovada.

Entrando no primeiro ponto da ordem de trabalhos, o Presidente da Mesa da Assembleia Geral deu a palavra ao Sr. **Presidente da Direção**, que começou por pedir desculpas e justificar o facto de se ter convocado a Assembleia Geral para o dia de hoje, mas que só agora foi possível elaborar o orçamento, na medida em que só agora foi possível conhecer os valores a receber pela Federação Portuguesa de Rugby do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) e da World Rugby (WR). Por outro lado, é requisito de atribuição dos apoios por parte do IPDJ que haja até ao final do ano a ata da reunião de aprovação do orçamento e do plano de atividades. Entrando no plano de atividades, deu nota da manutenção da estrutura da Federação, da atividade a nível interno se comparado com anos anteriores e do aumento da atividade internacional, resultante do impacto que teve a participação de Portugal no Mundial. Essa procura da participação de Portugal no plano

internacional poderá prejudicar os clubes, o que a Federação deseja que não aconteça, sendo portanto necessário uma negociação do calendário das competições. Enumerou as competições internacionais em que a Seleção terá que participar: os campeonatos da Europa, masculinos e femininos, e as janelas de julho, com presenças da Seleção de 15 na África do Sul e na Namíbia, e de novembro (Jogos com Samoa, EUA e Itália). Em face da atividade internacional as despesas serão maiores em virtude do aumento de gastos em viagens e hotéis e haverá uma carga grande sobre a Seleção. Esta situação justifica alguns cuidados na preparação e articulação entre Federação e Clubes. Haverá uma maior divulgação da modalidade, refletida no plano e orçamento apresentado, nomeadamente através do *road show* pelas escolas com o objetivo do rugby passar a constar do desporto escolar. Referiu também a aposta na formação de treinadores e árbitros. Abordou ainda a hipótese de se fazer em Portugal um jogo entre as Ilhas Fiji e a África do Sul que seria um grande cartaz para o desenvolvimento da modalidade em Portugal. Em face do número de jogos e eventos, a Federação terá que recorrer a contratação de empresas externas, dado que internamente, em face do número reduzido de colaboradores, não há capacidade organizativa. Apesar deste aumento de atividade, o orçamento não difere muito do ano passado, quer a nível das receitas, quer a nível das despesas, rondando os três milhões e meio de euros em cada uma dessas vertentes. A receita provém, grosso modo, do IPDJ, do World Rugby, das receitas próprias por força do aumento dos patrocínios, que se prevê possam duplicar, e dos jogos da Seleção que têm de começar a dar lucro. A Federação depende cada vez menos do Estado e mais da atividade da própria Federação. Em relação às despesas, o apoio administrativo corresponde a 12%, o desenvolvimento a 20%, as seleções nacionais a 17% e a arbitragem 6% do orçamento.

Seguiram-se as intervenções de vários delegados à Assembleia cujas intervenções foram sinteticamente as seguintes:

Luís Lança de Moraes (Direito) – Informou da existência de uma reunião entre um grupo de equipas da Divisão de Honra com o Presidente da Direção, onde foi informado que alguns jogadores começariam a receber ordenado. Relativamente ao Plano de Atividades, nomeadamente o plano internacional que afeta 3 ou 4 clubes que fornecem os jogadores à Seleção considerou o mesmo impossível de realizar do ponto de vista da integridade física dos atletas. Com 15 jogos internacionais, ou paramos o campeonato ou vamos dar cabo dos atletas, com afetação direta a 3 ou 4 clubes, o que inclusivamente põe em causa a verdade desportiva. Principalmente tendo em consideração que haverá contratos profissionais entre os jogadores e a Federação. Há atletas que vão aos sub-20, aos seniores e aos sevens. Tem de haver um compromisso da Federação de modo a aumentar o número de atletas na Seleção, definir o número de jogos de cada jogador – os mesmos não podem jogar os jogos todos. A ser assim vamos ter de alterar o modelo competitivo.

Respondeu o Sr. **Presidente da Direção** dizendo o seguinte – O problema é um problema de opções. Há dois anos Portugal teve os mesmos jogos, teve o Campeonato da Europa e a janela de julho e de novembro. Portugal não deve recusar os convites para jogos com seleções de alto gabarito. Por outro lado, um número considerável de jogadores da Seleção joga em França, o que tem tendência para aumentar, pelo que a questão se coloca a 12, 13 jogadores que jogam em Portugal. Ainda que fossem 3, 4 jogadores por cada clube estaríamos a falar de 3, 4 clubes. Se não for assim, quais são as opções? O Rugby Português deu um salto que todos nós nos sentimos orgulhosos. Estamos a falar de um programa realizável. Poderemos analisar a alteração das competições, mas estamos a falar dos mesmos jogos que qualquer seleção tem. Podem ser jogos com mais responsabilidade, mas isso é bom. Não vamos ter 40 profissionais, podemos ter, sempre de acordo com os clubes, até 40 jogadores, que incluem tudo, sub-20, sub-18, seniores, que têm uma bolsa de acordo com os clubes, para ter uma preparação diferente de acordo com as exigências. São os mesmos jogos que havia no passado. Isto é uma questão que podemos resolver internamente. A Federação não vai exigir nada aos clubes. É preciso encontrar uma solução para que os jogadores possam representar os clubes e a Federação. Cada vez mais os jogadores virão de fora. Não podemos desistir do que conseguimos, isso para mim não é solução. Temos de nos sentar à mesa e encontrar as soluções. Ninguém quer voltar ao passado. Queremos formar mais jogadores, mais treinadores.

Luís Lança de Morais (Direito) – Ninguém quer andar para trás, mas também não quero dar passos maiores que a perna. Este ano estivemos parados 4 meses para preparar o Mundial. Temos de dar passos estruturados? Qual é o problema de dizer que não a um ou outro jogo? Não podemos achar que somos mais do que aquilo que somos. Os clubes portugueses é que dão a matéria prima para as seleções. Não podemos estragar os clubes que conseguiram melhorar o seu rendimento. Tem de haver mais coordenação entre os clubes e o Diretor Técnico da Seleção.

Presidente da Direção – Os jogadores luso-descendentes não vêm receber dinheiro a Portugal. Temos de encontrar soluções para os problemas e não criar mais problemas.

Nuno Gramacho (Sport Clube Porto) – Primeira questão - No Plano de Atividades nada consta sobre o Beach Rugby, sendo que temos em Portugal três eventos que concentram mais de 2 mil atletas. Porque é que não constam torneios de Beach Rugby? É uma forma de divulgar o Rugby que não pode ser esquecida. Segunda questão – menos de 10% das Instituições de Ensino Superior promovem o Rugby. Era importante alterar este paradigma.

Presidente da Direção esclareceu que a FPR continuará a apoiar o Beach Rugby.

Miguel Teixeira (São Miguel) – Gostaria de pedir ao Presidente da Direção as expectativas sobre as receitas previstas no Orçamento. Gostaria de perceber também o plano de amortização da dívida. Gostaria de saber o que está a ser feito para ativação da marca “Campeonato Nacional”. Temos de olhar para o investimento que é feito pelos clubes. Gostaria de ver mais investimento

no desenvolvimento de marca que não só a marca “Lobos”. O que é que a Federação se propõe fazer para que os jogos dos Lobos sejam angariadores de receitas e não de despesas? Sugeriria que o tema que foi discutido entre o Presidente da Direção e o Presidente do Direito, que é um tema importante, fosse discutido numa reunião própria para o efeito.

Presidente da Direção – Temos procurado melhorar todas as competições. Temos todo o interesse na qualidade da Divisão de Honra. Há muitas dificuldades em termos qualitativos. Sobre o empréstimo de 500 mil euros, estamos a amortizar 50 mil euros por ano, sem juros. Este pagamento está previsto no orçamento. Temos tido negociações para que o Campeonato Nacional da Divisão de Honra tenha pelo menos um jogo transmitido em sinal aberto. Se os clubes quiserem podem criar uma liga que nós apoiaremos, de modo a resolver os problemas concretos.

Nuno Salvador referiu o esforço que tem sido feito e que as coisas têm vindo a melhorar. A grande questão tem a ver com a falta de árbitros, com a falta de meios dos clubes e até da Rugby TV. Acrescentou que vai apresentar um plano para os próximos 3 anos que os clubes terão de cumprir.

Luís Pina (Direito) quer saber se os jogos internacionais têm um custo para a Federação e se os luso-descendentes jogam nos Lusitanos ou só na Seleção. Perguntou ainda se com a saída do seleccionador Lagisquet os jogadores luso-descendentes mantêm o propósito de jogar pela seleção.

Presidente da Direção – Vamos manter a relação com os clubes franceses, temos um Vice-Presidente especificamente para esse efeito. Tendencialmente o treinador que há de vir terá ligação com os clubes franceses. É nossa intenção que nos Lusitanos também joguem jogadores luso-descendentes. Quanto ao custo dos jogos, temos de encher os estádios, porque oferecemos os bilhetes. As digressões internacionais não têm custo, são pagas pelo *World Rugby*.

Joaquim Murta (Académica Coimbra) – Quanto ao Plano de Atividades entendo que o plano não é da Federação, mas sim um plano das seleções, estamos a começar a casa pelo teto. Não há aumento de verbas para o desenvolvimento regional, o que nos deixa muito preocupados. Comungo da opinião do Luís Lança de Morais e em termos do que tem sido dito. A arbitragem tem sido uma vergonha, queremos dar um salto mas não temos as coisas básicas. Quanto ao Diretor Técnico, não sei bem quem é porque nunca apareceu em lado nenhum ao nível de Coimbra ou do Porto. Por último, em relação aos clubes, eles também beneficiam disto, as chamadas às seleções em cargas médias beneficiam o desenvolvimento dos jogadores e consequentemente dos clubes, mas acho que este Plano de Atividades tem muitos jogos de carga máxima.

Presidente da Direção – O orçamento para o desenvolvimento regional aumentou. É hoje de cerca de 19 por cento do orçamento. Mas há outra questão que é fundamental: Nós trabalhamos com as Associações Regionais, que infelizmente estão todas com problemas na Direção. Nós pagamos as Associações Regionais técnica e financeiramente, o que não temos é planos regionais. Há um diretor técnico regional que infelizmente não funciona, mas esperamos que venha a

funcionar. Estamos disponíveis para aprovar e apoiar quaisquer atividades regionais. Fazemos quase semanalmente ações regionais pagas pela Federação. Temos de ter um plano de ação, que ainda hoje não existe. Nós queremos desenvolver o Rugby fora de Lisboa.

José Paulo Seruca (Vice Presidente FPR) – Parece-me vago dizer que a Federação não apoia o desenvolvimento regional. A Federação tem cumprido com as suas obrigações e neste momento o departamento de desenvolvimento substitui-se às associações regionais. Este departamento não existe para apoiar e desenvolver a competição sénior. O desenvolvimento existe para os escalões de desenvolvimento, fizemos um grande encontro na Bairrada, com quase 400 atletas de todo o país, sub-14, 16 e 18. Tivemos 30 treinadores de clubes que graciosamente colaboraram com a organização, os 3 técnicos regionais e o diretor de desenvolvimento da Federação e a Comissão de Arbitragem incluída. Estes eventos são para repetir e continuar. Temos de aumentar o número de atletas, o número de clubes e estamos a trabalhar para que as regiões se desenvolvam. No Norte há sinais positivos, há um aumento de clubes e atletas. Na Zona Centro o processo está um pouco mais lento, há menos demografia, mas estão lá os técnicos regionais. Mas começa a haver uma contradição, porque as Associações Regionais querem controlar o que os técnicos regionais fazem. Nem a Federação nem as Associações controlam. É importante que os clubes invistam nas Associações Regionais. É preciso que os clubes se empenhem. Por exemplo, o Algarve pediu um curso de grau I que não estava previsto e vamos fazer. Isto pode ser feito noutros sítios. Eu mal tomei posse, reuni com a Associação em Coimbra e não sei se esse Comité estava demitido e até hoje ninguém me disse mais nada.

Joaquim Murta (Académica Coimbra) – Informou que hoje haverá eleições para o novo Comité de Coimbra e achou bizarras duas coisas: primeiro, como é que a Federação aprova o facto de a Associação pretender ter treinador; e em segundo lugar, pergunta quantas vezes é que as seleções foram à periferia.

Miguel Portela (Direito) – Iniciou a sua intervenção lamentando a pouca adesão dos clubes à presente Assembleia, o que na sua opinião é da responsabilidade da Direção. Falou depois sobre ingratidão, soberba e deslumbre. Ingratidão porque é mentira que o Presidente da Direção da FPR tenha falado com os clubes antes de falar com os jogadores a prometer contratos e ceder a greves e chantagens dos próprios. Deslumbre porque em 2007 isto já se passou. Eramos a melhor equipa amadora, jogámos contra Fiji, Inglaterra “A”. Quando o presidente entrou estávamos na terceira divisão europeia, a Direção fez um excelente trabalho e conseguiu levar-nos ao Mundial, com alguma sorte, e fizemos um Mundial excelente que vai ficar para a história. Infelizmente a Direção está deslumbrada e em vez de repensar e negociar os convites que estão a ser feitos, está a aceitar tudo e na minha opinião - vamos acabar no estado em que estava a Federação quando esta Direção entrou. Falida e desportivamente em baixo. Temos jogadores de nível mundial e não conseguimos fazer um plano adaptado à nossa realidade. Não somos a Argentina, a França ou a Inglaterra e por

isso não podemos ter modelos iguais. Os jogadores vão esgotar individualmente. No primeiro ano os jogadores ainda vão aguentar, mas já não vão aguentar no segundo e no terceiro e quando olharmos para a base ela já não existe porque ficou fechada nos jogadores profissionais e nos jogadores que vêm de França, mas que quando precisarmos deles não vão aparecer. Soberba porque estamos a falar de grandes planos e nem sequer temos treinador. A forma como foram despedidas ou postas de parte as melhores pessoas que nos levaram ao Mundial, o Sr. Lagisquet, o Lois, é inadmissível. O Mirra só continua por pura lealdade. E quem tira os louros são outras pessoas que não estiveram no processo. Lamento tudo isto e tenho pena que não estejamos a fazer um projeto com base em face do que conquistámos em 2023 e estejamos a ir ao sabor do vento. Não entendo como é que o Presidente da Federação pode estar aqui a dizer que o próximo treinador tem os parâmetros... isso não existe. É falta de rumo, deslumbre e uma ingratidão por pessoas que o apoiaram, que o defenderam, nomeadamente quando foi enxovalhado nos jornais por pessoas que não estão aqui nesta Assembleia. E por isso lhe digo já que contra aquela que é indicação da direção do meu clube, eu - como delegado - vou votar contra este orçamento, não acredito nele quer financeiramente quer desportivamente.

Presidente da Direção – Se há ingratidão, ela aconteceu agora, sendo que eu não vou comentar mais sobre isso. Apenas retificar algumas coisas que foram ditas porque não são verdade. É mentira que a Federação tenha despedido o treinador principal e o Lois, é falso, é ridículo e é mesmo falso. O Lois vai treinar em janeiro, como combinado, esteve quatro meses fora a resolver problemas familiares, mas volta em janeiro. O Patrice, com quem eu falo todos os dias, não está cá por livre vontade, não quis ficar por razões familiares, o que avisou há 4 meses. O que o Miguel diz é um chorrilho de asneiras, e não vou falar mais sobre o assunto.

Miguel Portela (Direito) -Vá ver os jornais, vá ver os jornais, então é mentira o que ele andou a dizer nos jornais. Eu estive lá, e você não teve a hombridade de dizer uma única palavra de agradecimento no almoço que teve com ele. Não brinque comigo, você não brinque comigo, você tem a mania que é fuzileiro, mas eu sou mais maluco que os fuzileiros.

Presidente da Mesa da Assembleia Geral – Eu peço, enquanto Presidente da Mesa da Assembleia Geral desta Federação que não se entre em diálogo e nomeadamente com determinado tipo de expressões

Miguel Portela (Direito) - O Presidente pode entrar

Presidente da Mesa da Assembleia Geral – Sr. Delegado, eu estou a falar e estou a falar enquanto Presidente da Mesa da Assembleia Geral, eu peço tolerância e civilidade no modo como os senhores delegados intervém.

Miguel Portela (Direito) - Tem toda a razão.

Presidente da Mesa da Assembleia Geral - Assim tem sido desde há 8 anos, quando eu cheguei a esta Federação e assim vai continuar a ser. O Sr. Presidente da Direção estava no uso

da palavra, eu não tenho nenhum pedido de intervenção do delegado Miguel Portela e portanto peço ao Sr. Presidente que termine. A seguir passarei a palavra ao delegado Miguel Portela para acrescentar alguma coisa. Não vamos entrar em diálogos de verdades ou inverdades, cada um diz aquilo que tem a dizer.

Miguel Portela (Direito) – Só uma retificação, eu não disse despedimento, falei em incapacidade da Federação ter mantido o Lois e o Lagisquet. Isso foi evidente e é uma pena.

José Vilar Gomes (Cascais) – Em nome do Dramático de Cascais queria dizer que concordamos a 100 por cento com o tema que o Luís Filipe trouxe a esta reunião, não acrescentamos nem retiramos nenhum ponto. Apoiamos tudo o que for necessário para resolver esta situação, a bem dos clubes, dos jogadores, da Seleção, da Federação, etc...o Cascais já foi bastante penalizado por este facto, começamos a ter vários jogadores na Seleção, graças a Deus, mas ainda não temos o número suficiente de jogadores, como tem por exemplo o Direito e o Belenenses, para ter duas equipas competitivas e os resultados estão à mostra pelo fraco campeonato que o Cascais tem feito. Estamos a dar um passo maior que a perna. Há outros problemas para resolver. Estamos a cometer o mesmo erro que cometemos em 2007. Estamos a receber muito dinheiro e em vez de o usarmos para alargar a base, estamos a usá-lo para profissionalizar meia dúzia de jogadores que daqui a 3, 4 anos desaparecem. Existe algum programa concertado entre a Federação, os clubes e o Ministério da Educação? Que projetos existem para alargar a base de atletas? É também preciso investir no alargamento e melhorias das infraestruturas. Há equipas que dão jogadores às seleções que não têm campo para treinar, como o Cascais e o CDUL. Concordo com o que o Miguel Portela disse. O que nós fazemos aqui todos os dias são milagres e milagres acontecem por acaso. Para deixar de ser milagre tem que haver estrutura e eu acho que devíamos aproveitar esta vontade toda que a World Rugby tem neste momento para montar convenientemente toda a estrutura, começando por baixo, alocar o dinheiro num projeto de escolas bem elaborado. Por isso concordo com o que o Luís Filipe disse. Nós queremos fazer parte da solução, não queremos fazer parte do problema, mas acho que estamos a ir outra vez pelo caminho errado. É só isto, obrigado.

Presidente da Direção - Há aqui um princípio que eu gostava que ficasse muito claro. Nenhum Presidente está disponível para não estar apoiado e fazer aquilo que entende que devem ser as ações conducentes a uma melhoria do rugby nacional, dos clubes e da Seleção. Em relação aos clubes, não vou estar em Assembleia Geral a dar nota de tudo o que se vai fazendo para ajudar os clubes e para melhorar as competições. Mas também estou preocupado com a Seleção. Eu não estou a aceitar tudo, como disseram. O que está aqui em causa quanto aos financiamentos da World Rugby é que, de facto, uma parte substancial da verba destina-se aos Lusitanos. Temos de criar condições para apoiar os jogadores por forma a poderem treinar a horas decentes, sem prejudicar o seu trabalho. Não estamos a falar de equipa profissional, eu nunca falei nisso, nem

isso está a acontecer, nem aconteceu. Eu quero trabalhar com os clubes. Nós queremos todos desenvolver o rugby nacional, queremos todos ter mais jogadores, mais campos. Agora a Seleção, em face dos resultados que teve, é uma locomotiva do nosso desenvolvimento. Como é que fazemos a seguir? Estão todos convidados para participar, pensando no rugby do futuro. Mas há o futuro imediato. Há decisões para janeiro, para fevereiro. Então não vamos ao Campeonato da Europa? Temos o convite agora para a janela de julho e vamos dizer que não vamos? Ainda por cima sem custos. Em novembro vamos a Itália e vamos receber a Samoa e os Estados Unidos. São bons jogos, vamos dizer que não, que não queremos jogar? Eu também acho que é preciso rever os campeonatos, os modelos competitivos e é preciso que encontremos maneira dos jogadores poderem ser úteis aos clubes e à Seleção nacional. Nós não podemos perder estas ocasiões. Eu não estou interessado em entrar agora em guerra com os clubes, pelo contrário, a Federação tem um diretor de competições para falar com os clubes e procurar soluções.

José Vilar Gomes (Cascais) – Queria só fazer uma observação em relação ao que o Presidente disse: eu nunca sugeri que desistíssemos destas oportunidades. Nós queremos o bem de todos: jogadores, clubes e Federação. Achamos é que não podemos ter tudo de repente. O que queremos é que estes jogos deixem de ser oportunidades e passem a ser uma realidade todos os anos e acho que isso só se faz de uma maneira: com os clubes, com as escolas, com um programa concertado, criando condições humanas e logísticas. Esta é a minha opinião e do meu clube e eu só descansarei quando houver uma assembleia geral em que se discuta o que é que é preciso fazer para que isto seja uma realidade.

Presidente da Direção – Pensamos exatamente da mesma maneira. Vamos tentar fazer um congresso do rugby. Temos um programa de divulgação, o chamado “roadshow”, que é extremamente importante e que nos permite divulgar o rugby pelo país. Temos de aumentar a base. Mas para isso temos que ir do Norte ao Sul dar nota que há uma modalidade que se chama rugby. Vamos dar bolas aos miúdos todos. Há questões de curto, de médio e longo prazo e nós temos de responder às solicitações que nos são postas, nomeadamente aos convites que nos são feitos. Este orçamento e este plano refletem estas questões. A Federação apoia todas as propostas de formação que nos são feitas e vamos continuar a apoiar. O Orçamento e o Plano de Atividades são meros instrumentos de gestão. Agora, temos campeonatos onde temos de estar presentes.

Luis Lança de Morais (Direito) – Eu penso que esta assembleia geral está a ser útil, acho que já vários disseram, acho que é necessário ter uma conversa posterior a tudo isto. Acho que as nossas mensagens foram entendidas. O esforço que todos fizemos, Federação e Clubes, o empenho que tivemos para irmos para o Mundial, fez com que ficassem coisas por fazer, porque a manta é curta. Os recursos são curtos, sejam da Federação, dos treinadores ou da arbitragem ou da Rugby TV. Não há direção técnica nenhuma que visite os clubes para falar com os treinadores, fazer planos físicos. Temos de fazer uma autoanálise e uma autocrítica e há coisas que não

estiveram bem. Se o investimento for todo feito nos Lusitanos, esse dinheiro morre lá, não deixa nada para o rugby. Não dá campos, não dá árbitros, não dá Rugby TV, não dá publicidade. Por isso temos que evoluir, temos que ter ambição, o trabalho de casa tem de ser feito e bem feito, mas isso não está a ser feito. É isso que eu estou a chamar à atenção. A minha preocupação é essa. Só existe de facto a Seleção, falou-se do rugby, foi de facto uma coisa prestigiante, mas com os clubes ficou o Nuno Salvador, sozinho, a falar connosco. A arbitragem piorou, tudo piorou. A Federação tem por obrigação ter a mesma preocupação que os clubes têm e em conjunto resolver os problemas, não podem ser só os clubes. Por isso, tudo tem que ser bem distribuído de forma a que todos estejam empenhados para cumprir requisitos e objetivos, steps, tudo feito e fiscalizado e coordenado pela Federação. É esse o papel da Federação. O papel da Federação não é só seleções. Porque senão vamos fazer a liga e olhar para os nossos clubes porque temos de profissionalizar, temos de ter direitos de Tv, a Rugby TV deixar de filmar jogos sem pagar, temos de ter contratos com os jogadores e ninguém vai mexer nos contratos dos jogadores sem falar connosco. Por isso, tudo isto tem que evoluir, mas tem tudo que evoluir ao mesmo ritmo. Não pode andar a Seleção e a Federação a andar a mil e os clubes ficarem na mesma. Por isso, desta vez, os clubes têm de estar envolvidos, os dirigentes têm de estar envolvidos e já agora gostava de saber que grupo de trabalho é esse que vai pensar sobre o rugby, quando eu não vejo aí nenhum presidente de um clube que vive o dia a dia do clube e o quotidiano do clube, mas quem são esses pensadores? Eu não conheço nenhum grupo de trabalho. Coisas concretas para fazer e que sejam possíveis de fazer, contem com os clubes, contem com o Direito, e cá estou eu construtivamente para participar. Relativamente ao modelo de campeonato, fui um dos principais defensores. Sabem porquê? Porque os atletas vão para a Seleção e isso não pode interromper a competição. Por isso, este modelo é o ideal para clubes amadores, porque quando formos jogar com determinadas equipas, como é amador, tem de haver um diálogo permanente com a Federação. Por isso, este modelo de campeonato, foi a julgar que o paradigma era aquele que sempre tivemos. É facilitar, não é dispensar jogadores à quinta-feira à noite para irem jogar ao sábado, não. É “esta semana não vais levar 6”. Isto é amador, não tens aqui nenhum profissionalismo. Portanto a realidade é esta. “Dá cá 3 jogadores e vais jogar contra o Benfica que é uma equipa de profissionais.” Ou jogar contra uma equipa mais forte que não dê gajos à Seleção. E este diálogo permanente não houve e tem que haver e tem que ser retificado. Porque senão, temos mesmo de fazer elites, ao contrário do que o Murta diz. Dizer “então que clubes têm as mesmas dores comuns?”. Quem? Quem é que são os clubes? São 3, 4? Então vamos fazer uma liga a 4 e depois fazer uma liga à parte e vamos vender os direitos televisivos e profissionalizar isto tudo. Não estamos preparados para isso. É só um alerta, uma reflexão, que gostaria de pôr nesse grupo de poetas que vai pensar sobre o rugby. Quanto a números, para não falar muito mais no Plano de

Atividades, tenho aqui uma dúvida por ter estado a abrir mal a página. Eu vejo aqui no dinheiro da World Rugby, o mesmo de 2023 para 2024, 980 mil euros, é isso?

Presidente da Direção – Sim, eu já te explico.

Luis Lança de Morais (Direito) – Com o brilharete que fizemos e afinal não vejo aqui nenhum dinheiro a mais para fazer esses programas que estão aí escritos. Outra questão: nas receitas próprias vejo um acréscimo. Passam de 369 mil para 790 mil, sendo o grande aumento nos patrocínios. Eu gostava de saber quem são os patrocinadores, se há algum patrocínio novo e já agora gostava de saber quem são os patrocinadores e qual é a verba da World Rugby e dos patrocínios da Federação, se é que isso pode ser divulgado aqui nesta Assembleia. Acho que pode e deve.

Presidente da Mesa – Antes de passar a palavra ao Presidente da Direção, gostava de informar que a Assembleia está a ser gravada para efeitos como é costume de elaboração da respetiva ata. Gostaria de saber se alguém se opõe. Se se opuser obviamente que anulamos a gravação que foi feita até agora e a mais que se seguirá. Alguém que se pronuncie contra a gravação da assembleia para efeitos da elaboração da ata? Não temos ninguém, obrigado a todos.

Presidente da Direção – Antes da resposta, gostava aqui de lembrar que esta Direção, tal como os clubes, conviveu com 3 anos de pandemia. Quando se fala em desenvolvimento das associações regionais, é bom lembrar que não tivemos oportunidade de desenvolver qualquer plano de atividades fora dos clubes e fora das seleções. Não havia atividade. É o elemento que tem sido esquecido. Quanto ao grupo de trabalho, devo esclarecer o seguinte, a Federação não tomou nenhuma iniciativa desse tipo. O que aconteceu foi o seguinte. A associação Confrarugby pediu-me para fazer o trabalho. Eu disse-lhes que a Federação não reconhece, não conhece a Confrarugby. Isso foi-me pedido e eu disse às pessoas, por uma questão de educação, que não as recebia. Não as recebi enquanto confraria, disse e digo, uma confraria para mim não existe. Não há eleições, não existe. Agora, há pessoas que pertencem à Confrarugby com que eu conversei e nesse sentido recebi 3 dessas pessoas no meu gabinete. Trouxeram-me um documento que eu achei pobre, mas queriam muito que a Federação participasse, que era preciso um programa para pensar no futuro, que é afinal o que todos dizemos. Pediram-me para eu falar a algumas pessoas que pudessem ajudar nesse trabalho. E eu falei com pessoas que considero muito responsáveis para que estivessem numa reunião. Eu não posso fechar a porta a ninguém, não faz sentido. Não é um grupo de trabalho que vai fazer um trabalho para a Federação, não é isso que está em causa. O que nós queremos realmente é que haja um congresso onde as questões sejam discutidas e isso seria muito proveitoso. Quanto às receitas da World Rugby. O ano de 2023 foi um ano de preparação para o Mundial e por isso recebemos uma verba extra. Este ano, a verba mantém-se, mesmo não havendo preparação para o Mundial, o que corresponde consequentemente a um aumento de receita.

Luis Lança de Moraes (Direito) – Mantém-se receita mas não temos a despesa de € 400,00 mil euros com a preparação do Mundial, é assim?

Presidente da Direção – Sim, não temos essa despesa. Vamos ter 100 mil libras especificamente para os Lusitanos, como no ano passado e há 2 anos, vamos ter que alocar parte da verba para o Campeonato da Europa e parte para o desenvolvimento do Rugby. Mas a grande diferença é a diminuição da despesa com a preparação para o Mundial.

Luis Lança de Moraes (Direito) – E com este dinheiro vamos pagar aos jogadores?

Presidente da Direção – Não necessariamente, temos que ter duas equipas, os Lusitanos e outra, semiprofissional. Para os Lusitanos temos uma verba específica de 100 mil libras e esta equipa tem de participar numa série de provas pré – definidas. Portanto, há efetivamente um aumento de receitas de duas ordens: nos patrocínios que estamos a negociar com várias entidades...

Luis Lança de Moraes (Direito) – A receita está certa, são € 1.240.000 em patrocínio é isso?

Presidente da Direção – É expectável que sim, não posso garantir neste momento. Quer a World Rugby, quer o IPDJ, vão pagar aquilo que era suposto pagarem, eu espero sinceramente que as receitas sejam superiores a isso. Basta que os jogos que vamos realizar nos dêem lucro.

Luis Lança de Moraes (Direito) – Eu peço desculpa, os patrocínios prevêm um aumento acima de 400 mil euros. É um aumento considerável.

Presidente da Direção – É expectável que o aumento seja à volta desse valor.

Presidente da Mesa da Assembleia Geral – Gostaria de dar um pequeno esclarecimento. Nas receitas próprias temos € 1.240.000,00 (um milhão duzentos e quarenta mil euros) enquanto no ano passado tínhamos € 864.000,00 (oitocentos e sessenta e quatro mil). De patrocínios, para este ano temos € 790.000,00 (setecentos e noventa mil) e em 2023 foram quase € 370.000,00 (trezentos e setenta mil). Porque as receitas próprias têm vários itens.

Luis Pina (Direito) - Ninguém está contra a Seleção fazer jogos. E acho que o número de jogos se deve manter. Agora a questão é a seguinte: para o Mundial tivemos 4 meses de preparação. Houve um esforço para se conseguirem boas exibições nos jogos do Mundial. A minha dúvida é a seguinte: se não investirmos esses 4 meses de preparação para jogos com equipas manifestamente superiores às que jogámos no Mundial, como será a nossa performance? Não temos selecionador e vários jogadores reformaram-se. Portanto se calhar estamos a investir, de facto, muito pouco ou então temos que investir mais e estamos a pôr muito foco nesses jogos de preparação e acho que estamos a descurar alguns temas no Campeonato Nacional, como seja a arbitragem. Já foi pedido à World Rugby que viesse cá fazer a observação de árbitros a Portugal? Eu estou sempre a tentar convencer os miúdos a tornarem-se árbitros. Já consegui com um ou dois, mas é muito difícil. Mas se eu lhes disser que se forem para árbitros podem ir fazer um curso à World Rugby, poderia ser mais fácil. Não há árbitros e não se fazem bons jogadores sem

árbitros. Que ações específicas é que estão para isso? Vamos focar na África do Sul e vamos perder mais de 4 meses a preparar o jogo ou vamos para lá só para jogar? Eu tenho dúvidas que consigamos jogar ao mesmo nível do Mundial. E acho que este esforço afasta o foco que a Federação poderia ter em temas tão necessários como a arbitragem que para mim é fundamental. Muito obrigado.

Presidente da Direção – Sobre a arbitragem: há um Conselho de Arbitragem que não depende da Direção da Federação, não depende de nós. Todavia estamos preocupados com a questão da arbitragem e estão a ser feitos contactos com a Irlanda, com Gales, com França, através do Conselho de Arbitragem para que haja um intercâmbio maior com esses árbitros. A World Rugby tem disponibilizado árbitros para virem cá a Portugal, que têm feito algumas ações. Espero que venham mais e que as pessoas estejam mais interessadas. Em termos internacionais nós temos estado presentes em várias competições europeias com árbitros masculinos e femininos. Quanto à África do Sul - e esse jogo que temos que fazer -, estou de acordo consigo. É um risco fazer esse jogo. Eu não estou a dizer que vamos ganhar à África do Sul. O que digo é o seguinte: a preparação que vamos ter para a África do Sul não vai ser a preparação que tivemos para o Mundial, mas a deles também não é. Quanto ao ranking, nós corremos riscos em perder jogos com os que estão atrás de nós, não contra os que estão à nossa frente. Nós não corremos risco nenhum para o ranking em perder com a África do Sul. Temos risco sim em perder com a Namíbia, que é uma equipa forte e difícil. Por isso nós já pedimos que, em vez de ter dois jogos com a Namíbia, seja um com a Namíbia e um com uma equipa regional. Temos consciência que jogar com a África do Sul é difícil, temos que nos preparar bem. Há uma preparação específica e por isso temos dois jogos antes do jogo com a África do Sul, vamos preparar o melhor possível. Eu estou a tentar que os jogadores que estiveram no Mundial se mantenham todos e ainda reforçar a equipa com outros atletas. Não é pelo facto de irmos à África do Sul que o dinheiro vem para a arbitragem, porque não vem, são coisas distintas. Temos um Conselho de Arbitragem novo, em que eu confio e que tem a verba prevista no orçamento, que vem das inscrições dos clubes e podem-se arranjar patrocínios.

Presidente da Mesa da Assembleia Geral - Muito obrigado. Eu creio que não tenho mais ninguém inscrito e portanto vou também colocar à votação o Parecer do Conselho Fiscal, que foi divulgado e enviado a todos os senhores delegados e que inclui os esclarecimentos que nos foram prestados pela Direção e pelos Serviços da Federação. O Conselho Fiscal entende recomendar que a Assembleia Geral aprove o Plano de Atividades e o Orçamento da Federação para o exercício de 2024 e é isso que vamos votar.

A votação teve o seguinte resultado: 4 votos a favor, 4 votos contra e 2 abstenções.

Pedro Fragoso Mendes (Direito) – Queria chamar a atenção dos senhores delegados que, provavelmente, estatutariamente, esta Direção cai se o Orçamento não for aprovado. É o que resulta dos Estatutos da Federação Portuguesa de Rugby.

Luis Pina (Direito) - Acho que não estão aqui clubes muito importantes que deveriam estar. Não sei se faria algum sentido, mas poderia haver aqui um adiamento para todos os clubes estarem presentes e se poderem pronunciarem.

Presidente da Mesa da Assembleia Geral – A questão estatutária que é colocada tem pertinência e teria de ser analisada à luz dos Estatutos da Federação. Por seu lado, a sugestão de adiamento, é oportuna, tanto mais que nesta votação só existem 10 votos expressos, face nomeadamente às consequências estatutárias que poderão advir da mesma. Pergunto, assim, se alguém se opõe a que esta Assembleia se suspenda para continuar em data a designar em janeiro de 2024, com a continuação do debate da proposta de Plano de Atividades e de Orçamento e com nova votação sobre esses documentos, o que significaria que o resultado da votação que fizemos há pouco não seria homologado por esta Assembleia, considerando-se, para todos os efeitos, que o mesmo não se consideraria válido. Posto este assunto à votação foi decidido por unanimidade dos presentes a suspensão da presente Assembleia para continuação em data a designar pelo Presidente da Mesa, em janeiro de 2024, com o objeto de continuar a discussão sobre o Plano de Atividades e o Orçamento e com a consequente votação, ou seja, uma nova votação, sobre esses dois documentos, na base daquilo que vier a ser a análise e discussão adicional que vier a ser efetuada e considerando que a votação efetuada nesta Assembleia não tem qualquer validade, nem efeito.

De seguida, o Presidente da Mesa apresentou votos de Boas Festas para todos os presentes e, igualmente, de um ótimo ano de 2024.

Nada mais havendo a tratar, o Presidente da Mesa agradeceu a presença de todos os intervenientes, dando por encerrados os trabalhos desta Assembleia, pelas 21h15 horas, dela se lavrando a presente ata que vai ser assinada pelos membros da Assembleia Geral.

